

Trabalhadores rurais: a produção artesanal da cal no segundo distrito de Caruaru-PE nos anos 1960-80

Jardíael Nogueira da Silva¹

Introdução

A proposta central deste trabalho é estudar a produção artesanal da cal de origem mineral, a partir de rochas calcárias e sua transformação em cal, no Segundo Distrito de Caruaru – Pernambuco, mediante uma análise dos impactos socioambientais entre os anos 1960-80.

O trabalho produtivo da cal a que nos referimos se dá pela exploração da rocha calcária (calcário) e sua transformação através da queima ou exposição à temperatura excessiva em grandes fornos construídos de rochas comuns e argila (barro), conhecidos naquelas plagas como simplesmente fornos da cal.

Quando pensamos em espaços rurais, de pronto em nossas mentes nos vêm imagens de espaços marcados pelos serviços associados à produção agropecuária de subsistência. A região, a qual nos interessa em estudar (segundo distrito de Caruaru-PE), não possui grande número de propriedades que enquadram na categoria de latifúndios ou grandes propriedades, ou seja, são pequenas propriedades familiares, capazes apenas, de fornecer a subsistência e reprodução familiar. A história dos trabalhadores e trabalhadoras do Segundo Distrito de Caruaru esteve muito ligada ao trabalho na agricultura de subsistência, porém, muito mais ligada à exploração do calcário e da sua transformação em cal, que se tornou uma das principais fontes de renda e de trabalho na região durante os anos de 1960-80.

A partir do meu conhecimento prévio, tendo como base a memória coletiva do povoado do Juá (maior centro produtor de cal do Segundo Distrito de Caruaru) somos remetidos ao início dessa atividade e da própria formação urbana do lugar. Segundo os mais

¹ Graduado em História pela FAFICA (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru). Professor da Rede Municipal de Ensino de Caruaru. E-Mail: jardiaelnogueira@outlook.com

idosos algumas pessoas a partir de 1905, muitas pessoas vieram até aquelas terras para explorar a fibra do sisal (planta nativa que utilizava de suas fibras para produção de sacas, cordas, etc.) enquanto outras deram início, provavelmente nas décadas de 1920 ou 1930, a produção da cal na região.

Pretendemos estudar com maior ênfase as décadas de 1960-80, pois ao que tudo indica aquelas décadas marcam o momento histórico do auge produtivo e também os primeiros sinais de sua decadência. Isso não quer dizer que a produção da cal do Segundo Distrito de Caruaru esteja extinta, mas vários motivos nos levam a afirmar que continua em uma forte decadência, se comparada com outros momentos. Isso pode ser facilmente comprovado, quando vemos na região dezenas de fornos da cal verdadeiramente abandonados.

Como morador de uma das comunidades (povoado do Juá) que compõe o Segundo Distrito – aglomeração urbana mais populosa do segundo distrito – sendo também membro de família envolvida na atividade ora estudada, me senti encorajado em pesquisar o tema, e por isso, nos antecipamos em afirmar que dentro do mundo da produção da cal naquela localidade, acreditamos que poderemos confirmar a identificação de uma série de relações e problemas que caracterizavam essa produção como: árdua, exploradora (tanto dos recursos naturais como da força de trabalho), sendo também arriscada e degradante aos meios físicos e mentais do trabalhador e trabalhadora e causou sérios danos ao meio ambiente.

É claro que um dos pontos fundamentais de nosso interesse pela pesquisa é a degradação do homem e da natureza. O meio ambiente denuncia explicitamente todos os danos causados pela extração dos recursos minerais e vegetais para o trabalho e desenvolvimento dessa prática produtiva. As lembranças dos indivíduos são, em certo ponto denúncias contra a situação da degradação natural da região do Segundo Distrito de Caruaru e essas memórias montam um retrato das consequências à saúde física desses trabalhadores e trabalhadoras que estiveram por anos expostos ao trabalho na produção da cal.

A produção artesanal da cal é uma atividade que envolve e absorvem homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos, e muitos casos muitas famílias são levadas para o mundo produtivo da cal, configurando assim como uma função de exploração coletiva. Aquela parte do município de Caruaru é marcada pela falta de oportunidades de trabalho, o ensino fundamental é precário e as condições ao desenvolvimento humano também está distante do mínimo aceitável. Estas questões são subtemas que, nesse momento do nosso projeto, não temos interesse em aprofundar. Mas, são esses elementos que se tornam o nosso

“pano de fundo” para entender o porquê da permanência desses indivíduos na produção da cal no período pesquisado, que é vista como uma atividade fora dos moldes regulares de trabalho no mundo rural.

Uma das motivações que nos deram folego para desenvolver esse trabalho é visto principalmente pela grande ausência de registros históricos sobre o tema na região pesquisada, que nos propormos a estudar os impactos socioambientais, as relações históricas, econômico-sociais, condições e relações de trabalho, cotidiano e sociabilidades dos trabalhadores e trabalhadoras, além de tentar mostrar os hábitos culturais da região, que envolvem o mundo do trabalho produtivo da cal no Segundo Distrito do município de Caruaru-Pe.

Essa produção é marcada pela forte exploração dos recursos naturais (madeira para ser transformada em combustível para os fornos, e o calcário existente no solo da região para ser transformado em cal). São essas marcas que registram todo movimento de trabalho e produção do artigo que possuía um lugar de destaque pelo mercado consumidor tendo várias utilidades na área da construção civil, agricultura, produção de açúcar, ornamentações e outros.

Breve história da cal

A prática produtiva da cal remota há tempos bem mais antigos da nossa História humana, como mostra FAGAN, 1990², afirma que o homem conhecia a cal a mais de 700 mil anos atrás.

No Brasil a produção da cal teve início com Tomé de Souza, Governador geral do Brasil no século XVI. O modelo de produção da cal que começou a se produzir com Tomé de Souza era a cal produzida a partir de conchas e sambaquis, muitos encontrados nas praias brasileiras, esses eram queimados e transformados em cal, que tinha como finalidade a construção de edificações e suas ornamentações.

² FAGAN, M. Brian. The journey from Eden: the peopling of our world. London: Thames &Hudson, 1990.

Em Pernambuco outros trabalhos nos mostra que a produção artesanal da cal vem desde o século XVII (OLIVEIRA, 2014).³ Diversos municípios do agreste pernambucano e paraibano se revelam na exploração desse produto, tais como Gravatá e Santa Maria do Cambucá em Pernambuco e no estado da Paraíba temos Santa Cecília, Barra de São Miguel e Caraúbas, entre outras.

O artigo ou produto da cal esteve muito associado a sua introdução na construção e edificações, estudos arqueológicos mostram que a cal esta presente em construções como as pirâmides do Egito e construções dos povos pré-colombianos da América. Com isso, percebe-se que esse trabalho e essa produção conseguem se desenvolver a partir do mercado e do consumo que a ela é imposto.

Na região do Segundo Distrito de Caruaru não temos um período exato de quando essa produção chegou a região, mas a partir dos relatos dos mais antigos percebemos que é uma produção que teve início por volta das décadas de 1920-30 perdurando-se aos dias atuais.

Produção da cal no Segundo Distrito de Caruaru: suas especificidades

Começamos nossa discussão histórica com um breve diálogo mostrando algumas características que contribuíram para a fixação e desenvolvimento da produção da cal no segundo distrito do município de Caruaru. As principais características que podemos evidenciar nesse momento são os recursos naturais e humanos disponíveis na região: matéria prima (calcário existente no solo que logo se esgotou e a madeira das matas nativas que serviam de combustível para os fornos de cal) a força e mão de obra das pessoas daquele espaço e as técnicas artesanais e o conhecimento de produção dos trabalhadores e trabalhadoras.

Nessa mesma lógica de exploração e uso dos recursos da natureza no Nordeste Andrade (Geografia econômica do Nordeste, Manoel Correia de Andrade) nos trás uma

³ OLIVEIRA, Rodrigo Ibson da Silva. Debaixo de pedra e cal: as relações socioeconômicas na capitania de Itamaracá -1654 a 1763, 2014, 111f. Dissertação de Mestrado (Mestrado), Mestrado em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, Recife, 2014.

abordagem do que se refere aos termos extrativismo, trabalho, exploração e economia no espaço rural nordestino brasileiro

“Os termos extrativismo e indústria extrativista são empregadas para designar toda atividade do homem explorando os recursos que a natureza fornece, sem que ele haja contribuído para criá-los. Como esses recursos podem ser do reino animal, vegetal ou mineral, podemos falar de três tipos de extrativismos: o animal, representado pela caça e pesca, o vegetal, representado pela exploração das florestas e pela coleta de produtos vegetais, e o mineral, representado pela exploração de minas.”
(ANDRADE,1977,P.49)⁴

Nesse trecho o geógrafo e também historiador Andrade fala da indústria extrativista como um movimento explorador da natureza pelo homem, sendo tanto explorado a fauna, flora e solo dos espaços provenientes ao desenvolvimento dessas comunidades. Com isso consideramos que o trabalho da produção da cal estava vinculado a exploração dos recursos que o meio ambiente daquela região oferecia, explorando e esgotando todo potencial da natureza e dos recursos humanos (que nesse caso se mostra a exploração do trabalho e da força do homem) para proveniência de riqueza e subsistência familiar.

A produção da cal no Brasil é vista como uma produção que acarreta em graves consequências e agressões ao meio ambiente, PÁDUA, 2002⁵ mostra que algumas características de exploração inconsciente e desordenada é uma herança histórica que vem desde o período colonial e que durante o período do século XVIII e XIX, assim como mostra seu trabalho, grandes debates políticos e ideológicos no Brasil são travados por personalidades políticas, intelectuais e outros representantes que discutia questões de uso, trabalho e degradação dos recursos naturais. Nessa época alguns efeitos da exploração intensiva e desordenada era sentida na economia, na vida social e no ambiente, visando até as condições ambientais para as próximas gerações. Inclusive a questão da produção da cal no Brasil na qual PÁDUA, 2002 comenta como um agente de exploração e esgotamento dos recursos naturais brasileiros.

⁴Andrade, Manuel Correia de. Geografia econômica do Nordeste: O espaço e a economia nordestina, Recife, Atlas, 1977.

⁵ PÁDUA, José Augusto. Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista 1786-1888. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Verificamos nos depoimentos dos extrabalhadores e extrabalhadoras que as relações de trabalho que envolviam a produção artesanal da cal estava cheias de elementos que podemos classifica-la de exploradora da força e do trabalho desses indivíduos, remuneração do trabalho na produção da cal a renda ou capital obtido pelo trabalho na produção da cal não supria as necessidades do trabalhador e sua família que, em vista que esses indivíduos da família eram submetidos ao trabalho na cal passando para um estagio de exploração coletiva. Esse quadro de trabalho e baixa remuneração são visto como um movimento de exploração típica dos trabalhares rurais que se sujeitam a uma forma de trabalho em que não garante os recursos necessários para seu desenvolvimento. Isso também quer dizer que esses trabalhares buscavam outras maneiras de suprir essas necessidades

Martins, 2010 fala de um movimento explorador que envolve toda uma classe de trabalhadores rurais. O capital, ou seja, renda obtida pelo trabalho na produção de cal não fornece renda capaz de suprir as necessidades da familiar para sua reprodução.

A riqueza que os trabalhadores possuem é a sua força de trabalho e nesse sentido esses indivíduos vendem essa força para obter renda e assim adquirir os mantimentos necessários a sua família. Assim como o preço dessa mercadoria (a força de trabalho) é vendida a um preço baixo aos patrões, talvez pela grande demanda de mão de obra, o trabalhador se vê na condição de estender sua jornada de trabalho ou até mesmo trabalhando em outras tarefas e serviços para melhorar sua renda,

“A alimentação do colono provinha em grande parte dessas culturas acessórias, trabalhando fora do cafezal para prover sua subsistência e a da família, duplicava a jornada de trabalho. A intensificação do processo de exploração do trabalhador nessa variante do regime de colonato deixava nítida a peculiar e oculta exploração do trabalho que nela havia.”
(MARTINS, 2010, p.77)⁶

Se trancarmos colono por trabalhadores da cal, cafezal por produção de cal iremos entender muito bem como esse movimento de trabalho e exploração se enquadra na produção de cal. Junta a essa exploração também se observa as condições de trabalho nos centros de exploração e produção de cal.

⁶ MARTINS, José de Souza. O cativo da terra, São Paulo, Contexto, 2010.

Essa produção é marcada por péssimas condições de trabalho e direitos trabalhistas inexistentes. O trabalho ou trabalhadora estava condicionado a promover suas atividades de trabalho em um ambiente marcado pela falta de infraestrutura, água imprópria ao consumo, alimentação “fraca”, sem utensílios de segurança em um trabalho árduo e desgastante levando cada vez mais indivíduo ao esgotamento.

Todo esse movimento nos levanta uma questão: qual a postura desses trabalhadores contra ou em oposição a essas condições de trabalho e insalubridade que era a produção da cal?

Para responder esse levantamento seria de enorme importância trazer a esse diálogo o que Thompson (E. P. Thompson, *Costumes em comum*)

“A investida, vinda de tantas direções, contra os antigos hábitos de trabalho do povo não ficou certamente sem contestações. Na primeira etapa, encontramos a simples resistência. Mas, na etapa seguinte, quando é imposta a nova disciplina de trabalho, os trabalhadores começam a lutar, não contra o tempo, mas sobre ele.” (THOMPSON, 1998, P.293)⁷

De início queremos focar na simples resistência a que Thompson se refere como um primeiro estágio das organizações e resistência das classes populares e de trabalhadores as funções que desempenham em seus trabalhos.

Essa simples resistência pode ser identificada na produção da cal como: a renegação dos trabalhadores ao trabalho, acordos entre os trabalhadores para o aumento da remuneração pelo trabalho na produção da cal, sabotagens (trabalhadores que aumentavam ou diminuam a quantidade de lenha nos fornos para dar prejuízo ao patrão) e outras simples atitudes de resistência ao trabalho que nos dar entender que essa classe tinha sua maneira de se manifestar de forma simples e “bloqueada”, mas que buscava nessas suas atitudes uma maneira de melhorar a situação de trabalho e conseqüentemente melhorar as condições de sua reprodução e de suas famílias.

Estamos falando de uma produção que evidentemente vem durando aproximadamente quase um século. Um século de exploração e poluição tanto na região do segundo distrito de Caruaru como em outros municípios vizinhos. Essa explanação nos faz levantar uma questão

⁷THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

bem simples, mas importante para entendermos qual a capacidade de produção e desgaste da natureza e dos extralanhadores.

Nossos coirmãos geógrafos que nos mostram um trabalho muito importante sobre os impactos à biomassa da Caatinga gerados pela produção de cal artesanal no município de Santa Maria do Cambucá⁸ esse trabalho discuti como o processo de exploração e produção de cal nesse município vem agravando durante um espaço de tempo o bioma daquela região. O corte desordenado das matas e a exploração do calcário no solo são típicos do método artesanal de produção da cal e que deixam visivelmente os danos no meio ambiente. Crateras deixadas pela exploração e retiradas do calcário, matas devastadas pela retirada de sua madeira para o abastecimento dos fornos e é que a fauna sofre com essas consequências já que seu habitat foi modificado pela exploração desordenada dos recursos antes ali existentes.

Nos depoimentos de extralanhadores e extralanhadoras a produção da cal também deixou fortes marcas na saúde e memória desses indivíduos, sendo que os danos e a degradação humana dos trabalhadores por essa forma de trabalho em casos só é evidenciada com o passar do tempo e nessas memórias e interpretações que o mundo de trabalho da produção da cal movimentou a economia e a vida de uma sociedade rural e sem visibilidade das esferas de poder.

Quais os elementos que contribuiriam para decadência da produção da cal?

Hoje ela não se encontra extinta, mas se ver em sua produção uma forte decadência, alguns elementos deram abertura para a produção da cal chegar a esse estágio, um mercado competitivo, outras produção ganharam espaço no mercado tomando o lugar da cal do Segundo Distrito de Caruaru, no caso da cal vinda do Rio Grande do Norte; baixa aceitação do produto no mercado consumidor, a cal perdeu espaço para outros artigos como o cimento, gesso e outros e dificuldades de produção, falta de matéria prima como madeira que cada vez mais está sendo protegida pelos órgãos de defesa do meio ambiente para sua extração e comercialização, a madeira é a principal fonte de energia para os fornos de cal.

São essas principais características que levaram a cal a chegar hoje a um estágio de decadência, que já podemos visualizar sua possível extinção de produção no Segundo Distrito de Caruaru.

⁸ DUARTE, Wando H.B., ed. At. Contaminação geoquímica ambiental da produção de calcários corretivos e cal na região de Santa Maria do Cambucá, Pernambuco: Considerações sobre a produção mineral regional. In: Revista de Geografia. 2012. V29, Nº 3 (p. 242-265).

Considerações finais

A produção da cal deixou e ainda deixa fortes marcas na vida e na cultura dos habitantes e nos indivíduos que se submeteram a esse trabalho no período pesquisado.

Memórias e vivências do que foi essa produção está contida no cotidiano da região, uma região que ainda ver na exploração desordenada dos recursos da natureza uma maneira e uma fonte riqueza, já que hoje a confecção uma das principais fontes de trabalho na região do Segundo Distrito de Caruaru, tem em seu corpo produtivo essa marca de poluição e degradação do meio ambiente. Isso poderia ser uma herança histórica e cultural vinda da produção da cal.

Futuras abordagens se fazem necessárias ao desenvolvimento desse trabalho. Abordagens políticas que cercam o mundo do trabalho na produção da cal, repleto de aspectos fora dos moldes regulares de trabalho estava sendo visto pelas autoridades políticas da região, que postura esses personagens tinham diante desses trabalhadores e suas condições de trabalho?

Movimentos de organização e resistências ao trabalho na cal requer uma melhor investigação, já que eles (trabalhadores e trabalhadoras) denunciavam esse trabalho como uma função árdua e degradante. Que formas de resistência além das que foram apresentadas atava presente entre esses indivíduos?

São esses caminhos que pensamos em seguir para um dia possivelmente dar uma maior contribuição ao que foi a produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru, sua cultura, seu valor e sua memória.

Referências bibliográficas.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: 2ª Ed., Brasiliense, 1964.

_____ Manoel Correia de Oliveira. (org.). **Atlas Escolar de Pernambuco: espaço geo-histórico e cultural**. João Pessoa: GRAFISSET, 2003.

_____ **Geografia econômica do Nordeste: O espaço e a economia nordestina**. Recife: Atlas, 1977.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, (coordenadoras), **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, 8ª Ed., editora FGV, 2006.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. 14ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (organizadores). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DABAT, Christine Paulette Yves Rufino. **Moradores de engenho: estudos sobre as relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco, segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais**. 2003, 741f. Tese de Doutorado (Tese), Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Recife, 2003.

DUARTE, Wando H.B., ed. At. **Contaminação geoquímica ambiental da produção de calcários corretivos e cal na região de Santa Maria do Cambucá, Pernambuco: Considerações sobre a produção mineral regional**. In: Revista de Geografia. 2012. V29, Nº 3 (p. 242-265).

FAGAN, M. Brian. **The journey from Eden: the peopling of our world**. London: Thames &Hudson, 1990.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 2º ed., Campinas: Alínea, 2001.

HOBSBAWM, E. J. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária**, 4º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____ **Era do Capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1977.

JATOBÁ, Lucivânio. **A participação da rocha na morfologia do relevo.** 2ª Ed. Recife: Edição do Autor, 1996.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra.** São Paulo: Contexto, 2010.

MONTENEGRO, António Torres. **História Oral e Memória:** a cultura popular revisada, São Paulo, contexto, 1992.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de (Organizador). **Trabalho e trabalhadores no Nordeste:** análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

OLIVEIRA, Rodrigo Ibson da Silva. **Debaixo de pedra e cal:** as relações socioeconômicas na capitania de Itamaracá -1654 a 1763, 2014, 111f. Dissertação de Mestrado (Mestrado), Mestrado em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, Recife, 2014.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição:** pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista 1786-1888. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na sociedade de classes:** Mito e realidade, São Paulo: Expressão Popular, 2013.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Costumes em comum:** Estudos sobre a cultura popular tradicional, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

www.iphan.gov.br

www.caruaru.com.br

www.Lhoist.com/pt_br/cal-ao-longo-da-historia